

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15355 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 02 - História da Educação

ARRABALDE: VISÃO NORTEADORA DE EDUCAÇÃO IMPLANTADA NA AMAZÔNIA (XVII-XIX)

Marinaldo Pantoja Pinheiro - UEPA - Universidade do Estado do Pará

Maria do P. Socorro G. de S. Avelino de França - UEPA - Universidade do Estado do Pará

### **ARRABALDE: VISÃO NORTEADORA DE EDUCAÇÃO IMPLANTADA NA AMAZÔNIA (XVII-XIX)**

**Resumo:** Esta investigação tem por objetivo Analisar o conceito “arrabalde” como uma estratégia de dominação cultural, econômica e educacional. O recorte temporal refere-se ao período colonização da Amazônia. A pesquisa é de cunho histórico-educacional, norteada pelo método indiciário e pelos pressupostos da história cultural, tendo como obras analisadas as produzidas por Burke (1997; 2008; 2016); Ginzburg (1976; 1989); Jecupé (1998); Pesavento (2003); Salles (2022), dentre outros. O resultado a que chegamos foi que a educação implementada no contexto arrabalde, revela uma perspectiva econômica, onde a floresta e sua gente devem ser exploradas para garantir a extração de riqueza da região. Portanto, a visão de educação historicamente implantada na Amazônia reflete um caráter de exploração da floresta e não de sustentabilidade, respeito e valorização da cultura local.

**Palavras-chave:** Arrabalde, Educação, Amazônia, Colonização.

#### **Introdução**

A pesquisa tem como objetivo tem por objetivo tem por objetivo analisar o conceito “arrabalde” como uma estratégia de dominação cultural, econômica e educacional. O recorte temporal refere-se ao período colonização da Amazônia. A educação implementada na Amazônia a partir do século XVII, com o início do processo de colonização, reflete uma perspectiva arrabalde, termo que significa, conforme Caras (2019), periferia ou subúrbio, definindo-se por uma visão estreita e limitada na compreensão da diversidade cultural. Essa visão, míope e daltônica, dificulta a observação da completude da cultura submetida à educação invasora.

Está presente nos projetos educativos e educacionais implantados por entidades privadas e governamentais. É uma forma de se apropriar da Amazônia, manter a exploração de recursos naturais e humanos, subalternizando os saberes e práticas educativas da população local.

A Amazônia, vista como uma bioeconomia de baixa densidade demográfica, tornou-se alvo de um modelo educativo que visava subordinar a população local aos interesses

colonizadores. O arrabatismo é uma forma de fornecer conhecimentos destinados a moldar os habitantes locais para trabalharem em função do projeto colonizador, perpetuando um ciclo de exploração que atende exclusivamente às necessidades do centro. Essa visão de educação, reproduzida em diversas regiões do Brasil por diferentes congregações religiosas, continua a impactar a Amazônia até os dias atuais.

O aporte teórico desta investigação fundamenta-se em Burke (1997; 2008; 2016); Ginzburg (1976; 1989); Jecupé (1998); Pesavento (2003); Salles (2022), dentre outros.

## **Método**

A pesquisa é de cunho histórico-educacional, orientada pelo método indiciário de Calo Ginzburg (1976; 1989), e pelos pressupostos da história cultural, desenvolvidos por Peter Burke (1997; 2008; 2016); Conforme Pesavento (2003, p. 09), para interpretar a história e a cultura de uma determinada sociedade, é necessário analisar suas práticas culturais e descobrir os "fios" que as conectam. Esses "fios" se referem às crenças, valores, rituais e outras culturas culturais que permeiam a vida social e constituem as bases das tradições de uma sociedade.

traduzir o mundo a partir da cultura, é preciso descobrir os fios, tecer a trama geral deste modo de fazer História, prestar atenção em elementos recorrentes e, talvez, relevar as diferenças entre os autores, o que, sem dúvida, é um risco.

Os procedimentos do paradigma indiciário são: 1) “Farejar”, observar, coletar e registrar os indícios; 2) Decifrar, ler, classificar e cruzar as informações indiciárias, dando especial atenção aos detalhes residuais ou secundários, considerados reveladores; 3) Interpretar e analisar os indícios à luz do contexto sociocultural do objeto ou sujeito de pesquisa e das teorias explicativas. Na análise dos indícios, conforme sinaliza Fonseca (2003, p. 66), as fontes devem ser “lidas também à luz do cruzamento com outras fontes, e é muito importante, a capacidade de transitar da parte para o todo”.

## **Discussão e resultados**

Arrabalde funciona como uma metáfora de dominação do centro desenvolvido economicamente sobre as margens, entendida como fonte de matéria-prima, mercado consumidor, mão de obra etc. Essa dinâmica é evidente na história da Amazônia, considerada periferia mundial, onde a região é muitas vezes relegada a um papel secundário na narrativa global.

O arrabatismo não reconheceu a riqueza cultural do “outro” em seu próprio contexto. Em vez disso, busca deslocar e assimilar o “outro” no universo do colonizador, eliminando os princípios culturais nativos em prol da colonização. Esse impacto se reflete na imposição de

um modelo educativo, concebido para explorar as riquezas regionais em benefício do centro, perpetuando uma mentalidade de exploração dos recursos da floresta e invisibilizando os valores culturais da região Amazônica.

Na concepção arrabáltica, o destinatário da educação era o "Outro" periférico, desprovido segundo olhar colonizador, de conhecimento, cosmovisão, religião, regras determinantes, e, portanto, alguém que necessitava ser civilizado. Essa perspectiva refletiu uma visão centralista, na qual o ser humano periférico não era considerado sujeito do conhecimento, mas objeto. E os elementos do universo periférico eram subjugados em favor dos conhecimentos provenientes do centro.

A floresta Amazônica, longe de ser meramente um recurso explorável, é compreendida pelo nativo como a sua maior obra, um espaço que abriga seres vivos, memórias, cosmovisões, farmacologias e ancestralidade. Assim, a interação entre seres humanos e não humanos forma a essência da floresta, sublinhando a importância de considerar a natureza como parte integral da identidade e cultura dos povos, considerados pela visão arrabáltica como periféricos.

Amazônia não é apenas um bem natural, mas também construção humana, o artefato de cultura, ou, do modo de ver dos povos originários, um sistema surgido da colaboração entre humanos e não humanos. Durante milênios, parcelas dessa floresta vêm sendo manipuladas por mãos indígenas, num trabalho de seleção de plantas e construção de solos férteis que revela um conhecimento profundo das interações entre plantas, bichos, fungos, microrganismos, chuva e vento. A floresta que vemos hoje, parte natureza, parte obra humana, é fruto dessa notável inteligência ecológica (Salles, 2022, p. 12).

Embora alguns afirmem que o amazônida, assim como os indígenas desta região não legaram monumentos, é essencial considerar que eles deixaram um monumento de natureza único: a floresta. Esta vasta extensão verde configura-se como o monumento da criação indígena, contendo em si as narrativas de sua cultura e história. Portanto, para compreender a dinâmica das sociedades indígenas, é imperativo estabelecer uma conexão educativa com a natureza: lendo, interpretando e analisando a floresta.

Ao longo de milênios, os habitantes da floresta alteraram a composição do solo, enriquecendo com resíduos de fogueira, fragmentos de cerâmica, sepultamentos e descarte de matéria orgânica. Sobre esse chão modificado, as populações originárias selecionaram plantas, domesticaram seu plantio e redesenharam a paisagem, aumentando a oferta de alimento animal e vegetal (Salles, 2022, p. 294).

A floresta tropical se configura como uma cadeia de interdependência, onde cada elemento é reconstruído a partir de si mesmo. O convívio humanizado com a floresta, conforme argumenta Salles (2022), requer a participação ativa nessa cadeia, pois na floresta não há indivíduos isolados, nem mesmo espécies isoladas; tudo é parte integrante do lugar.

A floresta, muito além de uma simples coleção de elementos naturais, transcende a simples soma de suas partes para criar uma teia de interdependência. Nesse ecossistema, plantas, animais, fungos e diversos outros elementos entrelaçam-se em uma harmonia enigmática. Contudo, a floresta é mais do que um conglomerado biológico; é um universo que abrange seres humanos e não humanos, além de sonhos, imaginação e outros aspectos intangíveis.

A floresta apresenta a diversidade de identidades e funções que lhe são atribuídas. Ela é um armazém de biodiversidade, um almoxarifado de recursos naturais, um celeiro de vida. Ao mesmo tempo, é um templo religioso que inspira reverência, uma escola que ensina lições ancestrais, uma farmácia de curas naturais, uma praça viva, um teatro de atuações naturais, um parque de diversões para os sentidos, um parlamento de ecossistemas, uma morada para seres diversos, um santuário dos mortos que preserva a memória, e a casa dos deuses que influenciam mitos e lendas. A floresta, assim, abrange a humanidade de experiências e sentimentos que ela incorpora, representando uma tapeçaria onde a vida e a espiritualidade se entrelaçam de maneira indissociável (Salles, 2022).

Para os indígenas a floresta constituía parte essencial de sua existência, sendo cocriada em colaboração com todas as demais criaturas, tanto humanas quanto não humanas. Sua riqueza não derivava da exploração predatória da floresta, mas do pensamento, sabedoria, rituais, mitos, sonhos e medicina sagrada. As várias aldeias estabeleciam comunicação com os espíritos da natureza e suas reflexões, desenvolvendo sensibilidades para interagir com as energias da terra e respeitá-la como uma manifestação intuitiva.

Segundo Jecupé (1998), a conexão entre os povos indígenas e a natureza demonstram uma coevolução ao longo do tempo, integrando-se a diversos ecossistemas, como floresta, cerrado, rios e montanhas. O autor, destaca que as manifestações culturais, tecnológicas e espirituais dos indígenas, emergiram organicamente desses diálogos íntimos com o ambiente natural. As experiências vividas junto a diferentes elementos naturais, valorizaram a harmonia e o equilíbrio com a natureza, estabelecendo a interdependência entre os seres humanos, não humanos e o meio ambiente.

Em essência, o índio é um ser humano que teceu e desenvolveu sua cultura e civilização intimamente ligado à natureza. A partir dela elaborou tecnologias, teologias, cosmologias, sociedades, que nasceram e se desenvolveram de experiências, vivências e interações com a floresta, o cerrado, os rios, as montanhas e as respectivas vidas dos reinos animal, mineral e vegetal (Jecupé, 1998, p. 14).

Os povos que migraram para a Amazônia, conforme Salles (2022), ao se estabelecerem nessa vasta região, demonstraram uma indiferença marcante em relação à floresta. Os colonizadores, longe de considerar o valor espiritual e a importância ecológica desse ecossistema único, encararam a Amazônia como uma fonte a ser explorada. Em vez de protegê-la, empreenderam esforços para substituir sua paisagem exuberante, desmatando extensas áreas e atualizando-as por culturas estrangeiras, como por exemplo, pastagens e, por vezes, até mesmo tentando recriar cenários à imagem de suas terras natais. O autor, também destaca a persistência da narrativa colonizadora, de que o desmatamento é essencial para o desenvolvimento do país. No entanto, esta visão é uma fábula que continua a exercer o poder mesmo nos dias atuais, pois as áreas mais desmatadas são exatamente onde reina os maiores bolsões de miséria, ou seja, os projetos arrabálticos não contribuem para o desenvolvimento das populações de regiões exploradas.

A educação implementada na Amazônia não abraçou a capacidade de compreender a natureza em sua totalidade, incluindo todas as suas criaturas, tanto humanas quanto não humanas. Conforme destacado por Salles (2022), as forças que impactaram a floresta não demonstraram interesse em compreender a verdadeira essência da mata e as riquezas que ela poderia oferecer. Da mesma forma, aqueles que chegaram de fora traziam consigo uma bagagem de curiosidade e uma vontade avassaladora de explorar economicamente os recursos naturais da Amazônia.

## **Conclusões**

A Amazônia, ao longo de sua história, não foi favorecida por uma visão enriquecedora por parte dos invasores que a exploraram de maneira predatória. Ela é vítima de um déficit de pensamento, de uma escassez de ideias, embora isso não seja resultado da falta de audácia. Pelo contrário, diversas iniciativas realizadas nesse bioma foram marcadas por uma ambição, por vezes desmedida.

Desde os primeiros contatos dos invasores com a região amazônica, esta paisagem vasta e exuberante foi interpretada através de um olhar externo, muitas vezes influenciado por representações e mitos europeus. Um exemplo clássico dessa perspectiva, pode ser encontrado no próprio nome do caudaloso rio que corta a região: o Amazonas. Quando o padre dominicano, Gaspar de Carvajal (1504-1584), de nacionalidade espanhola navegava pelo atual norte do Brasil, acreditou ter localizado a tribo das Amazonas, que segundo a mitologia europeia, era habitada exclusivamente por mulheres guerreiras. A ilusão de ótica que influenciou o padre Carvajal, marcou a interpretação distorcida e contribuiu para batizarem a região por este nome.

A Amazônia, assim, foi concebida na imaginação coletiva como um arrabalde, uma periferia do Brasil e, mais amplamente, do mundo. Sua existência, segundo essa perspectiva,

fica subordinada às necessidades do centro, sendo instrumentalizada em prol do desenvolvimento global, mesmo que isso resulte na miséria de sua população. O invasor, historicamente, não buscou desenvolver a região, mas explorá-la de maneira irracional.

A educação implementada nesse contexto, também revelou uma perspectiva marcadamente econômica. Os colonizadores descreviam a biodiversidade da floresta como uma bioeconomia, destacando seu potencial econômico para os invasores, caracterizando-a como prodigiosa, com vista a atrair mais investimentos para ampliar a exploração extrativista na região.

## Referências

- BURKE, P. **A escola dos annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia.** Tradução de Nilo Odália. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.
- BURKE, P. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Góes de Paula. 2ª. ed. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2008.
- CARAS, R. R. caras.uol.com.br., 2019. Disponível em: <<https://caras.uol.com.br/arquivo/etimologia-938.phtml>>. Acesso em: 2023 dez. 2023.
- BURKE, P. **O que é História do Conhecimento?** São Paulo: Editora Unesp, 2016
- GINZBURG, C. **O Queijo e os Vermes.** São Paulo: Cia das Letras, 1976.
- GINZBURG, C. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário.** In: **Mitos, Emblemas e Sinais.** São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- JECUPÉ, K. W. **A Terra de Mil Povos: história indígena brasileira contada por um índio.** São Paulo: Petrópolis, 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- SALLES, J. M. **Arrabalde: Em busca da Amazônia.** 1ª ed.. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.